EST. 5/E
CÓD. 01
PUBLICAÇÕES
MIS/PR

Cadernos do MIS

dezembro 1988 nº 1

O Tropeiro

MIS MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

CADERNOS DO MIS Nº 1 = O TROPEIRO

TEXTO E PESQUISA - ANA ELIZA FILIZOLA
CLÁUDIA REGINA DE BRITO
FÁTIMA E SILVA DE FREITAS
HELOISA AFONSO ARIANO

ESTA PESQUISA FOI REALIZADA EM 1986, SOB A ORIENTAÇÃO DE JOSÉ GUILHERME MAGNANI, COORDENADOR DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA SEEC, E É UM DOS CINCO MÓDULOS DO PROJETO CAMINHO DAS TROPAS DE RESPONSABILIDADE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR.

FOTOS - ISABEL CRISTINA LIVSKI

EDITOR - VALÊNCIO XAVIER

SUPERVISÃO - SEBASTIÃO FRANÇA

COMPOSIÇÃO - MAYSA TRAMUJAS AZEVEDO BUENO
RENILDES CARLI SANTOS

RODADO NA CENTRAL DE REPROGRAFIA DA SEEC
RESPONSÁVEL - OSMÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DO PARANÁ
RUA MARTIN AFONSO, 280 - FONE: (041) 232-9113
CEP. 80410 - CURITIBA-PR

* PEDIMOS PERMUTA

INTRODUÇÃO

O tropeirismo se constitue num período importante da história do Paraná. Tem seu início no século XVIII com o transporte de carga de cereais e outros produtos no lombo de mulas e a condução de tropas de muares, gado bovino e equino pelo caminho que ia de Viamão, no Rio Grande do Sul, até Sorocaba, para a importante feira que se realizava naquela cidade do interior de São Paulo.

A importância do tropeirismo não se dá somente por ter possibilitado uma maior integração entre o sul e o centro sul do Brasil, mas também pela ocupação territorial, ao longo do caminho das tropas. Além das taxas de pedágio, de pastagem havia necessidade de invernar com as tropas e, logicamente, utilizar os serviços dos habitantes ao longo da estrada de Viamão e conviver com eles e, em muitos casos, tropeiros acabavam fixando residência em território paranaense.

Sem querer esgotar o assunto, este modesto trabalho pretende não só registrar o dia a dia dos tropeiros, mas resgatar o que ainda hoje se encontra nos hábitos e costumes das populações ao longo do caminho das tropas.

O TRAJETO

E vinham por intermináveis caminhos, abrindo matas, atravessando rios, montanhas e seguindo trilhas de outros que por ali passaram, fazendo o mesmo trabalho. Eram homens, animais, eram muitos, viviam deste árduo e venturoso trabalho.

E pelo caminho tudo podia acontecer, desgarrar-se um animal, quebrar a pata de outro, adoecer um *"camarada"*. Eram meses de viagem, onde esses imprevistos retardavam a marcha e careciam de solução entre os próprios tropeiros.

Iam em bandos, muitas vezes se dividiam em lotes de sete ou mais animais, tendo à frente a égua madrinha que conduzia o cortejo, toda enfeitada, com seu peitoril cheio de sinos, fitas e outros adereços.

Os homens que as conduziam estavam sujeitos a toda sorte de acontecimentos, ora um delicioso sol matinal, ora o tempo irreverente transforma-se numa chuva sem trégua e lá estão eles, os homens, os animais...

No princípio eram mulas soltas, *"xucras"* como se costumava dizer. Acompanhavam a égua madrinha, vez por outra se desgarravam e era tarefa do *"arribador"* procurá-las, novamente alcançar a tropa e assim uní-las às demais.

> *"A 'arribada' era um ponto de honra na folha de serviço do tropeiro; se ele se saía bem, era uma glória e se fracassava, era coberto de vexame".1*

Pode-se dizer que a "arribada" era uma espécie de ritual de iniciação, quando esta tarefa era solicitada à alguém do grupo que desempenhava uma atividade considerada secundária, se fosse vitorioso, passaria a fazer parte de outro grupo (peão, capataz,

etc.). No entanto, isso nem sempre ocorria, em alguns casos era necessário um peão mais experiente.

As mulas iam para os centros de venda de animais, às feiras para serem comercializadas. Nessa época esses animais eram muito importantes para o país e graças a eles muitas das novidades da corte se inseriram no sertão. Constituíam-se num meio de transporte por excelência. Muitas das mercadorias, cereais, equipamentos para lavrar a terra e mimos femininos foram transportados de um ponto a outro do Brasil.

É no sul que a mula vai ser encontrada em maior quantidade e é por estes caminhos sulinos que as tropas, ao passarem, vão deixando suas marcas, fazendo nascer vilas, povoados e cidades.

Muito antes do rádio, da televisão e do cinema os tropeiros que se encarregavam das notícias, das cartas, do aviamento de receitas, de trazer encomendas da cidade para um ponto longínquo. Eram esperados com ansiedade pelos habitantes de povoados enfronhados no interior brasileiro; eram eles que tornavam menor seu isolamento e mais curta a distância entre o sítio ou fazenda e a cidade.

Nestes trajetos misturavam-se tropeiros (donos de tropa), capataz, camarada ou peão, menino de tropas (às vezes chamado *"menino madrinheiro"*) e cozinheiro. Uns iam a pé conduzindo a tropa, cuidando para que nenhum animal se perdesse; outro se adiantava com o intento de chegar antes e ir preparando a *"bóia"*. Algumas vezes o menino de tropa ia montado em uma mula, puxando a égua madrinha que era seguida pelos demais animais. Em outros casos já não se encontra a figura do cozinheiro, mas um dos peões que, além da lide diária que lhe é própria, acumulava também a função de cozinheiro.

As tarefas do tropeiro não se resumiam apenas na condução dos animais entre um rancho e outro, entre uma vila e uma cidade, onde eram gastos meses e me-

ses de viagem, mas também nas tarefas relativas ao pouso.

A caminhada mais longa era feita pela manhã, quando todos - homens e animais - estavam ainda descansados da noite anterior e o clima ajudava.

Com o passar das horas o sol se tornava mais quente, a fome apertava e o cansaço rendia a todos. O que os tropeiros mais desejavam nessa hora era um bom pasto, relativamente fechado para impedir a dispersão dos animais e que estivesse próximo a uma aguada. Era este o horário da *"sesteada"*, a primeira parada do dia.

Com os ânimos já recuperados, o tropeiro voltava à sua jornada, desta vez mais lenta. Com o pôr do sol, uma nova parada.

O POUSO

> *"De quatro em quatro léguas uma clareira, pastos, uma casa onde se vende milho, o pouso".*[2]

Ao findar-se mais uma jornada de trabalho, os tropeiros paravam, aí era hora de preparar almoço, cuidar dos animais e passar a noite.

No começo essas paradas se davam muitas vezes sob a copa de árvores ou às margens de algum rio. Aí se improvisavam barracas para ficar durante a noite. No decorrer do tempo, as tropas foram se constituindo num negócio lucrativo e duradouro. Então os proprietários de terras passaram a construir pequenas palhoças à beira do caminho para abrigar tropeiros em viagem.

Como esta atividade se desenvolveu e pousos vão se constituir em fonte de renda para os proprietários de terras situadas nos caminhos por onde passavam as tropas, a construção de ranchos apropriados passou a constar das preocupações dos governos.

"A 1º de maio de 1852, o Dr. José Tomaz Nabuco de Araújo, então presidente da mesma província de São Paulo, informava à Assembléia Legislativa Provincial o seguinte: Mandei construir o Porto denominado - Ponta Alta - no Rio Grande, extremo desta Província com a de Minas Gerais, estrada que também segue para Goiás e Mato Grosso, um rancho, que desse abrigo aos nossos tropeiros, que por falta dele, como me informou o delegado de Vila França, são obrigados a vender seus gêneros pelo preço que lhes impõem os especuladores do lugar..."3

Nessa época os pousos já não eram tão rudes e os tropeiros podiam pernoitar com um pouco mais de conforto, embora essa palavra só possa ser compreendida aqui em comparação ao pouso anterior, que era desprovido de qualquer regalia. Os ranchos eram agora de madeira, cobertos com telha e alguns com varanda.

Ao chegarem ao rancho, as tarefas eram muitas e todos tinham o que fazer: o cozinheiro, esse sempre chegava antes para preparar o fogo e dar início aos seus afazeres, *"era o mais humilde na escala - um menino de 12 anos para cima. A tropeirada não usava guizados finos e, por isso, não exigia diploma em arte culinária".4*

Esta referência à idade do tropeiro não é regra, alguns autores só se referem ao cozinheiro como um homem já feito, adulto.

Ao cozinheiro cabiam todas as tarefas de cozinha, ou seja: preparar as refeições, fazer o café e lavar a louça. A comida era à base de carne, arroz, feijão e farinha de milho ou mandioca, nada muito elaborado pois era feita com o que podiam carregar: alimentos não perecíveis, de fácil preparo e bem reforçados, para sustentar estes homens de tão dura lide.

Assim, ao chegar ao pouso era arrumada a trempe (espécie de tripé), feito o fogo, colocada a panela sobre ele e nesta o arroz, misturado com carne seca desfiada (hoje conhecido com carreteiro). Depois o feijão, que já devia estar quase cozido da noite anterior. Enquanto isso, eram tratados os animais, curados os ferimentos, feitos os reparos nas ferraduras e escovadas suas crinas. Diz-se que é a melhor hora para vistoriar os animais, pois estão ocupados a comer e pouco se incomodam que mexam com eles. Depois de verificados, um a um, eles são conduzidos ao pasto, e aí é importante que seja farto para que no dia seguinte tenham reposto as energias perdidas na caminhada. Além do bom pasto deve haver, nas proximidades do rancho, água em fartura para os sedentos animais.

A estas alturas, já devia estar pronta a *"bóia"*, agora todos se reúnem para comer tranquilamente, os carregamentos desfeitos, os animais tratados e descansando no pasto. É comer e esperar a noite que deverá ser tranquila.

Quando finalmente cai a noite, tudo em volta torna-se negro, às vezes a lua companheira vem ser testemunha das muitas estórias, dos causos que serão contados e pacientemente ouvidos.

Junto ao fogo, viola na mão, a sanfona também fazia parte dos instrumentos queridos; começa a contoria, suave, nostálgica. É como canto de saudade, de aventuras, cantos que muitas vezes falam da *"peleia"* diária.

"Então é hora de pitar cachimbo de barro ou cigarro de palha no canto da boca, na conversa que quase sempre gira em torno das peripécias da jornada do dia..."5

Para nós, quem sabe, seria um tanto quanto propício continuar nesse devaneio até a madrugada. Afinal com cenário tão bucólico, nada mais esperado que uma esticada pela madrugada. Porém, não era o caso do

nosso tropeiro, além da canseira que lhe abatia, noutro dia muito cedo ele recomeçaria tudo, e era necessário uma boa noite de sono. Para alguns a ronda por fazer e para outros o descanso merecido, faziam do *"poncho"* peça importante para se aquecer do frio.

Durante a noite os tropeiros se revezavam entre si e dois ou mais ficavam vigiando (rondando) os animais. Qualquer imprevisto poderia fazer com que se desgarrasse um deles. Havia também a possibilidade de roubo ou ataque de outro animal da mata.

O silêncio se faz presente. Aqueles que não estão rondando se preparam para dormir, *"o patrão, conservando certa hierarquia, faz seu leito separado, à cabeceira, faca e garrucha, pendurada à vista, guaiaca. Se o pouso é em barraca portátil, o dele é em separado".*[6]

E assim se escuta o barulho da mata, dos grilos e o sussuro do vento nas águas. E chega o sono dos que trabalharam pesadamente por todo o dia.

Novamente a aurora significa o início de uma nova etapa na *"peleia"* diária. A tropa era reunida e contada e nesses alturas o sol já brilhava e o *"poncho"* era então substituído pelo *"pala"*, acompanhado do lenço e chapéu.

Nestas horas a chaleira fumegava na trempe e o cozinheiro preparava o café tropeiro (feito num recipiente conhecido por *"chocolateira"*, onde são condicionados o pó, rapadura ou açúcar; quando a água fervia, colocava-se uma brasa para separar o líquido do pó). Enquanto o chimarrão rodava de mão em mão, ao mesmo tempo o cozinheiro preparava uma reforçada refeição para aguentar a primeira parte da caminhada que era a mais árdua.

A rudeza do caminho por onde passava o tropeiro, ou a falta desse e a aspereza da vegetação, matas fechadas e a bruteza do solo, tornavam necessário o uso de uma bota que desse conta das dificuldades dessa empreitada.

Assim, com a lide constante com o cavalo e as tarefas que exigiam muitos movimentos, impunha-se o uso de uma calça larga e resistente, a bombacha.

O tropeiro parte e com isso, novos pousos se farão e neles o germe de futuros povoados e vilas. Dia após dia, a tropa de muares rompeu divisas, introduziu novos costumes, estreitou distâncias e laços culturais, enfim, fez parte da rotina dos campos do sul do Brasil.

> *"Certo é que, recuando cada vez mais para o interior, um dia o tropeiro de longas distâncias, o da hierarquia e tradição, o de Afonso Arinos, ficará reduzido a almocreve ou a condutor de pequenas tropas em pequenos percursos. Sua existência tem por inimigos o petróleo, o vapor, a eletricidade e a própria mula que será preferida para atrelagem.*
> *O tropeiro de tropas arreadas morrerá primeiro, continuará a existir o tropeiro negociante de animais, por muito tempo".*[7]

A longa e difícil jornada empreendida no decorrer de mais de um século se vê reduzida com as facilidades advindas da construção de estradas e de ferrovias. O caminho do tropeiro passa a ser mais curto e sem tantas adversidades. Já não são mais as feiras espalhadas pelos caminhos o fim da jornada. Agora as pequenas tropas que subsistem tem outros destinos, umas levam os animais para os matadouros, outras os conduzirão até o trem, sistema de transporte mais viável, onde os animais serão transportados em vagões e apenas um ou dois homens serão suficientes para o cuidado destes. Outra forma que o trabalho com tropas encontra para continuar resistindo, existindo e convivendo com as novas formas de transporte, é a condução de animais de uma propriedade a outra ou mesmo quando estes são leva-

dos do campo para caminhões que farão o mesmo trabalho que o trem já fez e que outrora com tanta dificuldade e apreço o tropeiro realizou.

A mula, importante para desbravar penosos caminhos, em virtude de sua resistência à hostilidade do meio, fundamental numa época em que as matas eram cerradas, os rios não eram facilmente transpostos, tornava assim essencial o seu uso, animal resistente à carência de água que muitas vezes acontecia e à dureza das trilhas a serem seguidas ou mesmo abertas.

A mula e o tropeiro, companheiros das condições adversas de uma época em que não havia caminhos de ferro, nem estradas de rodagem, aos poucos vão perdendo sua importância, ao mesmo tempo em que novos tipos de transporte foram suprindo seus papéis.

As formas de trabalho e de vida não se sobrepõem uma às outras, elas se transformem e umas substituem outras, sem, no entanto, diminuir as anteriores. Ambas podem conviver ou mesmo alterar-se, isso não quer dizer que necessariamente uma delas vá deixar de existir.

Na fase inicial o trabalho com tropas baseava-se essencialmente no *"muar"* - animal de extrema valia como meio de transporte - porém, com o avanço de outros meios de locomoção, a tropa na forma tradicional já não será preponderante e este tipo de trabalho assumirá outras formas, como por exemplo, as tropas de gado e de porco. Estas vão ter sua importância assegurada dentro de um outro contexto.

Contudo, resta ressaltar que nesse processo que envolve a mudança de trabalho com *"muar"*, gado ou porco, há uma riqueza muito grande que á relação do homem com o animal, com o meio, e com a sua própria realidade, ou seja, este homem se organiza em função de novas expectativas e exerce uma ação transformadora no meio, fazendo que todo um conjunto de hábitos e costumes não se percam, mas acompanhem a dinâmica do processo histórico-social.

COTIDIANO

É no vivenciar diário de pessoas comuns, nas práticas coletivas das cidades que historicamente foram marcadas pelos caminhos das tropas, na configuração espacial destes municípios e na sua organização social como um todo que vamos encontrar elementos culturais que remetem ao tropeirismo. Embora com significado diferente, porque diferente é o contexto social em que estas práticas se inserem. É invegável a influência que este período teve nos hábitos, usos e costumes das populações que foram se estabelecendo pelos caminhos dos tropeiros.

> *"Não foram só muares que os tropeiros dos campos gerais carregaram do Rio Grande do Sul para o Brasil central. Nos constantes contados com as fronteiras do Rio Grande do Sul, os tropeiros trouxeram para o linguajar comum, uma série de termos e expressões usados pelos correntinos e pelos missioneiros do Rio Grande do Sul e Uruguai. ..."na maioria das vezes eles traziam os objetos e os nomes - na "muchila" eles traziam os nacos de "charque" ou "chimango" para os churrascos" com "chimarrão".8*

E foi muito mais que objetos, formas de falar, vestir e se alimentar. Trata-se de um modo de vida que vem sendo construído ao longo dos anos e que traz em seu seio muitos elementos tropeiros.

As tropas contribuíram para a formação de núcleos populacionais que ainda hoje são cidades que *"enfileiram-se uma após outra, tais como as contas de*

um colar, ao longo da rota. Cada cidade está separada da outra por uma distância que corresponde a um dia de viagem do tropeiro".[9]

Atualmente ainda se encontram marcas deste período como a *"Rua das Tropas"* que apresenta, na maioria das vezes, o mesmo aspecto (acidentadas, largas e com casas antigas) e a *"Ronda"* (local onde se fazia vigilância aos animais e ao grupo durante a noite). Hoje, em algumas cidades, a *"Ronda"* se transformou em bairro e a *"Rua das Tropas"* já não existe. Mas mesmo não apresentando suas características anteriores, as pessoas reconhecem estas marcas que, embora indeléveis, fazem parte da memória coletiva.

Algumas atividades que se desenvolviam em função do trabalho com tropas - selarias, curtumes e ferrarias - ainda subsistem e em algumas cidades localizam-se na Rua das Tropas. Grande parte deste tipo de trabalho resiste à própria industrialização, tendo como inimigos a produção em série e o grande comerciante, que tendo possibilidade de atender a uma maior demanda pode baratear o produto. Enquanto que o artefato do seleiro é produzido de maneira artesanal, o que o torna mais caro e de execução mais demorada.

Esta produção artesanal é depositária de um saber que é passado de geração a geração, de pai para filho e de mestre para aprendiz. É o que se pode chamar de ofício. Conversamos com alguns deles em diferentes cidades e os depoimentos se voltaram sempre na importância da prática, do gostar do ofício, do aprender fazer, como por exemplo:

> *"Toda profissão ou ramo precisa gostar em primeiro lugar... Eu estou velho e nesse trabalho sujo, mas tenho que ensinar... Como é que ficam os outros".*

E finalizando:

> *"Mais vale a prática que a gramática". "Seu Frank"*[10]

Hoje o que garante a continuidade desses ofícios são as necessidades apresentadas pelo meio rural. A produção específica ainda se centra nos arreios, selas, cabeçadas, badanas, bainha para facas e facões. Outros serviços são também realizados, desde pequenos consertos até a confecção de cintos, bolsas e botas.

As ferrarias que tiveram seu principal impulso com o tropeirismo, atualmente se ocupam da fabricação de estruturas de ferro para carroças. Eventualmente ferram algum animal ou como os seleiros, realizam um ou outro conserto.

As formas de trabalho acima descritas eram normalmente encontradas nas cidades *"cujos habitantes se dedicavam a atender as necessidades da tropa e dos tropeiros."*[11] Se o tropeirismo foi o responsável por este tipo de atividade será também por outras mais atuais.

O aparecimento de atividades contemporâneas estão ligadas à memória e à relação que esta mantém com o cotidiano, pois este não se constrói apenas no presente, mas numa relação direta entre passado e presente.

E assim é que, quando encontramos um restaurante de comida típica servindo pratos básicos, como feijão tropeiro, quirera com carne de porco (costelinha ou suan), entre outros, pode-se afirmar que tudo isto está diretamente ligado ao tropeirismo.

O restaurante em questão situa-se na Lapa, Rua das Tropas e é de construção recente. As receitas utilizadas na elaboração dos pratos baseiam-se na narrativa, ou seja, não se encontram nos livros de culinária, estão na vida diária das pessoas, todos sabem fa-

zer, embora as formas se diferenciem de acordo com cada gosto, cada grupo. Mas uma coisa é certa, não podem faltar os *"segredinhos"* de cada um.

É um saber que é popular e de domínio sócio cultural e um elemento cultural quando apropriado pelo comércio não diminui de importância, antes, revigora-se.

Se há um interesse na exploração deste é porque já possui um significado bastante expressivo na memória coletiva.

Segundo este mesmo filão, são encontradas referências de usos de culinária tropeira em vários momentos. É comum, por exemplo, que as pessoas do meio rural tenham como hábito preparar e consumir este tipo de alimentação. Não é apenas no meio rural. Vamos encontrar famílias urbanas que constantemente fazem um *"carreteiro"* ou preparam um *"café tropeiro"*.

Quando se fala em culinária tropeira, não se trata de uma cozinha específica de tropeiros, mas de uma forma de alimentação mais adequada às condições da jornada, de alimentos de rápido preparo, não perecíveis e de fácil manuseio, que pelo uso frequente, tornou-se um referencial dessa cultura.

Cabe resgatar aqui a personagem principal de todo esse processo, o homem, o que aconteceu com ele, entre o apogeu e a decadência desse período. A que atividade hoje seus remanescentes se dedicam.

Haviam tropeiros que eram donos do negócio e prosperaram, enquanto que os subalternos continuaram a mesma situação de empregados. Mas hoje fixos nos sítios e fazendas ou em atividades relacionadas à lide campeira. Suas vidas estão profundamente ligadas ao trabalho com animal, com a terra e tudo que se relaciona com aquele modo de vida.

Esta influência é marcante ao ponto de que as cidades que fizeram parte dos caminhos das tropas tem sua economia diretamente ligada a agropecuária, con-

forme se constata ainda hoje.

FESTAS TROPEIRAS

Ocorrem com frequência no Paraná, festas de caráter eminentemente rural, como feiras de animais, rodeios e tropeadas. Principalmente nas duas últimas onde se observa a reprodução do trabalho com as tropas, da indumentária, da culinária e dos costumes em geral. Nestas festas vê-se também o papel importante dos CTG s (centros de Tradições Gaúchas) que de certa forma são os que mais assumem esse tipo de atividade.

Muito embora hábitos e costumes, como é de se esperar nas tentativas de reprodução se dão de formas transformadas com a introdução de novos elementos. Uma cultura não se extingue, recria-se de acordo com as relações sociais que os homens estabelecem entre si. Nesse sentido, as culturas não morrem, ganham novos significados com o dinamismo e movimento que lhes são característicos.

Uma dessas festas a que nos referimos é a *"Semana do Tropeiro"*, realizada recentemente em Ponta Grossa.

Os organizadores e participantes da *"Semana do Tropeiro"* realizam uma série de atividades que remetem à época, como uma forma de revitalização dos hábitos e costumes que lhes são próprios.

A *"Tropeada"*, atividade principal realizada nesse dia teve como objetivo lembrar o clima de trabalho com tropas. Para tanto foram percorridas trilhas passando por várias fazendas. Com todos os participantes *"piulchados"* montados em seus *"pingos"* e atravessando *"sangas"* e matas.

A chegada ao acampamento era recebida com um almoço preparado pelo cozinheiro, composto de *"carreteiro"* (arroz com charque), feijão com muito touci-

nho e água quente para o chimarrão. Reuniam-se então em festa, muita conversa, muita risada, uma espécie de *"bu chincho"* se formava.

Após o almoço havia uma acomodação geral e aos poucos cada um tirava sua *"sesta"*.

Mais tarde, seguia-se o clima de festa, com música, cerveja e uma ovelha assava na brasa, preso a um espeto confeccionado ali mesmo.

Como os hábitos tropeiros são semelhantes aos dos gaúchos, ocorre uma certa polêmica ao se tentar defini-los ou diferenciá-los.

A nível de significado, o *"tropeiro"* e o *"gaúcho"* não é necessariamente aquele que nasce no Rio Grande do Sul, basta ter afinidade com a vida campeira e se identificar com os costumes e tradições desse modo de vida.

Desse modo, os CTG s possibilitam que algumas práticas se reproduzam, embora alteradas no tempo e com características folclorizadas. Assim as atividades hoje realizadas foram manifestações populares, criações coletivas que agora fazem parte da tradição e são legitimadas no contexto do CTG.

Em alguns casos, as músicas cantadas pelos membros dos CTG s são criações cuja autoria já se perdeu no tempo, ou se ainda é identificada a autoria, esta passou por várias modificações que cada novo cantor vai incluindo de acordo com situações específicas. E é por estes constante fazer, refazer e reproduzir, embora de maneira diferenciada que eles (CTG s) possuem uma característica folclorizada. Em outras palavras uma *"tropeada"* como a que se realizou em Ponta Grossa, tinha como proposta principal, a reprodução do trabalho com tropas em todos os detalhes, desde os caminhos, entre várias propriedades, passando por rios sem pontes, até a refeição preparada, segundo o que se sabe da culinária tropeira. E ainda os participantes trajados a caráter.

Os CTG s reproduzem algumas relações de poder e hierarquia que remontam à época do tropeirismo. No entanto, tentam mascará-las, pois deles participam patrões e empregados, proprietários e não proprietários de terra como se todos fossem iguais. É a nível de discurso que as diferenças serão melhor encobertas, ao serem questionadas sobre o porque das atividades desenvolvidas nos CTG's, e de como as pessoas se localizam no seu interior, as respostas são sempre chavões ou o que se pode chamar de resposta pronta, como por exemplo:

> *"Cultuar alguma coisa que traz satisfação"*
> *"Recordar o que os antepassados já faziam"*
> *"Somos todos uma irmandade, aqui somos todos iguais"*

(Entrevista com participantes da segunda semana do tropeiro - Ponta Grossa - Paraná - 13/09/86).

Na verdade estas respostas encobrem relações de poder, onde um peão dificilmente será o patrão do CTG (cargo parecido com o de presidente de um clube).

A nível da vida cotidiana percebe-se algumas práticas ligadas ao tropeirismo comuns em alguns municípios que se formaram ao longo do *"Caminho das Tropas"*. Assim em Itaiacoca e Guaragi (distritos de Ponta Grossa), Piraí do Sul e Lapa, sendo também muito presente a familiaridade das pessoas com comidas como o *"suan com quirera"* e *"paçoca"* principalmente, algumas tendo inclusive um pilão em casa. É importante lembrar que esse modo de vida é mais visível na zona rural, tendo em vista a ligação delas com a vida campeira.

Mesmo porque todo o modo de vida do tropeiro não se constituía num conjunto de usos e costumes exclusivamente só deles. No momento em que isso tudo se situa numa determinada época eles serão também co-

muns a um círculo maior de pessoas. E neste caso específico muitos elementos tropeiros são encontrados hoje no meio rural assim como algumas pessoas remanescentes deste tipo de atividade.

E é um Itaiacoca que encontramos uma família cuja renda principal até alguns anos atrás (cerca de quinze anos) foi o trabalho com tropas. Atualmente trabalhando como caseiros num sítio, conservam ainda toda a indumentária da época em que Senhor Pedro Dias era tropeiro.

Nesta casa encontramos arreios, bruacas, bacheiros, etc., que não estão sendo usados, mas continuam guardados atrás da porta como se estivessem esperando a manhã seguinte, para a viagem que começa com o raiar do sol e só se finda quando encontra o destino.

Se em Itaiacoca encontramos o Senhor Pedro Dias vivendo hoje no campo, em outras localidades encontraremos outras famílias também do meio rural vivenciando situações parecidas. Com suas estórias, seus objetos, suas lembranças, sua memória...

É na articulação da memória com o cotidiano que vamos compreender melhor todo o complexo cultural que envolve a vida social. Ao se falar no tropeiro não se está fazendo um culto ao passado, é antes uma forma de entender os processos históricos e uma maneira de resistir à massificação cultural imposta pelos meios de comunicação. Imposição essa que na maioria das vezes ignora toda a diversidade cultural de uma sociedade complexa.

Toda essa complexidade reside num emaranhado de relações sociais, de ações humanas que não são homogêneas, que vão se configurar distintamente nas diferentes situações e momentos, assim como locais e regiões.

Analisando o caso da nossa sociedade percebe-se a convivência de várias formas culturais, convi-

vendo num mesmo espaço que se convencionou chamar de sociedade brasileira.

É nesse sentido que se deve ter uma atitude crítica quando alguma manifestação popular, ao ser universalizada e ao passar por isso, se esvazia e dá idéia de exótica, decadente e distante da vida presente, quando na verdade faz parte do dia a dia das pessoas ligadas a ela.

Fazer parte da vida das pessoas envolvidas quer dizer ter um sentido, um significado para estas pessoas. Se uma família possui um pilão em casa, ela tem uma razão prática para isto, ele é utilizado para o preparo de algum alimento. Não é só a esse praticismo que nos referimos mas também a seu uso simbólico, como o caso daquele senhor, já em idade avançada, que guarda carinhosamente em sua sala os objetos que utilizava no trabalho com tropas. O significado que isto tem para ele é diferente daquele outro cidadão que comprou numa selaria ou feira de artesanato esses objetos e os exibe como peças de decoração.

Os poucos exemplos que demos servem para ilustrar o que falamos a pouco sobre a universalização do popular ou de como o capital se apropria desse tipo de produção e o torna mercadoria inserindo-a num círculo de consumo muito em moda atualmente - a utilização de elementos da cultura popular na decoração de finas residências.

Porém isso tudo é bastante ambíguo. Se por um lado esse processo de mercadorização leva as manifestações populares a esvaziarem seu significado, por outro lado é uma maneira de continuar existindo. Ou seja, entra-se no mercado de consumo, garante-se uma parca sobrevivência mas perde-se no emaranhado de significados da sociedade urbana industrializada.

Voltando ao nosso caso, o *"Tropeirismo"* que tanto influenciou as regiões citadas anteriormente,

não resta muita coisa. Embora bem mais que o discutido aqui, considerando que nem tudo é visível mesmo em situação de pesquisa. Mas o pouco que resta está aí, presente na vida das pessoas. Mesmo sentindo que pode haver uma tendência na utilização comercial disso tudo, nosso depoimento é antes no sentido de defender uma ação por parte dos órgãos competentes no sentido de estudar, preservar e discutir com as partes envolvidas as possíveis saídas para essas questões.

Ao concluir que o tropeirismo como atividade econômica foi, por conta das transformações da sociedade, substituído por outras atividades e outros meios de transporte como o carroceiro, o caminhoneiro e outros.

Resta finalmente salientar que tudo o que envolveu este modo de vida deixou marcas profundas desencadeando novos processos culturais.

NOTAS

01. OLIVEIRA, Sérgio Coelho de - O Tropeirismo Após as Feiras de Sorocaba - P. 17

02. ALMEIDA, Aluísio de - Vida e Morte do Tropeiro - P. 11

03. GOULART, José Alípio - Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil - P. 130

04. ALMEIDA, Aluísio de - Vida e Morte do Tropeiro -

05. GOULART, José Alípio - Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil - P. 138

06. ALMEIDA, Aluísio de - Vida e Morte do Tropeiro - P. 77

07. ALMEIDA, Aluísio de - Vida e Morte do Tropeiro - P. 206

08. PEREIRA, J. E. Erichesen - Uma História de Caminhos - P. 99

09. WACHOWICZ, Rui C. - História do Paraná - P. 7

10. Depoimento colhido durante a pesquisa de campo - *"Seu"* Frank

11. Cadernos do Patrimônio - Série Estudos *"Fazenda Capão Alto"* - Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná

BIBLIOGRAFIA

01. CANCLINE, Néstor Garcia - *"As Culturas Populares no Capitalismo"*, São Paulo - Brasiliense, 1983.

02. CARDOSO, Ruth C. L. - *"Aventuras dos Antropólogos em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do Método"* in a Aventura Antropológica - Rio de Janeiro Paz e Terra, 1986.

03. CARNEIRO, Newton - Fasmas Estruturais da Economia Paranaense - Curitiba - Empresa Gráfica Paranaense, 1937.

04. GOULART, José Alípio - Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil - Rio de Janeiro - Editora Conquista, 1961.

05. HOBBSBAWN, Erick - A Invenção das Tradições - Rio de Janeiro - Paz e Terra.

06. LEMOS, Carlos A. C. - O que é Patrimônio Cultural - São Paulo - Brasiliense, 1982.

07. MACHADO, Brasil Pinheiro - *"Formação da Estrutura Agrária Tradicional dos Campos Gerais"* in Contribuição ao Estudo da História Agrária no Paraná - Curitiba - Departamento de História nº 3, Jun/63.

08. MARTINS, Romário - História do Paraná - Curitiba - Gráfica Paranaense, 1937.

09. PADIS, Pedro Calil - Formação de uma Economia Periférica: O Caso do Paraná - São Paulo, Hucitec, 1981

10. PEREIRA, J. E. Erichesen - Uma História de Caminhos Curitiba - Editora O Formigueiro, 1962.

11. WACHOVICZ, Rui C. - História do Paraná - Curitiba, Edição dos Professores, 1967.

12. CADERNOS DO PATRIMÔNIO - Série Estudo - *"Fazenda Capão Alto"*, 1985.

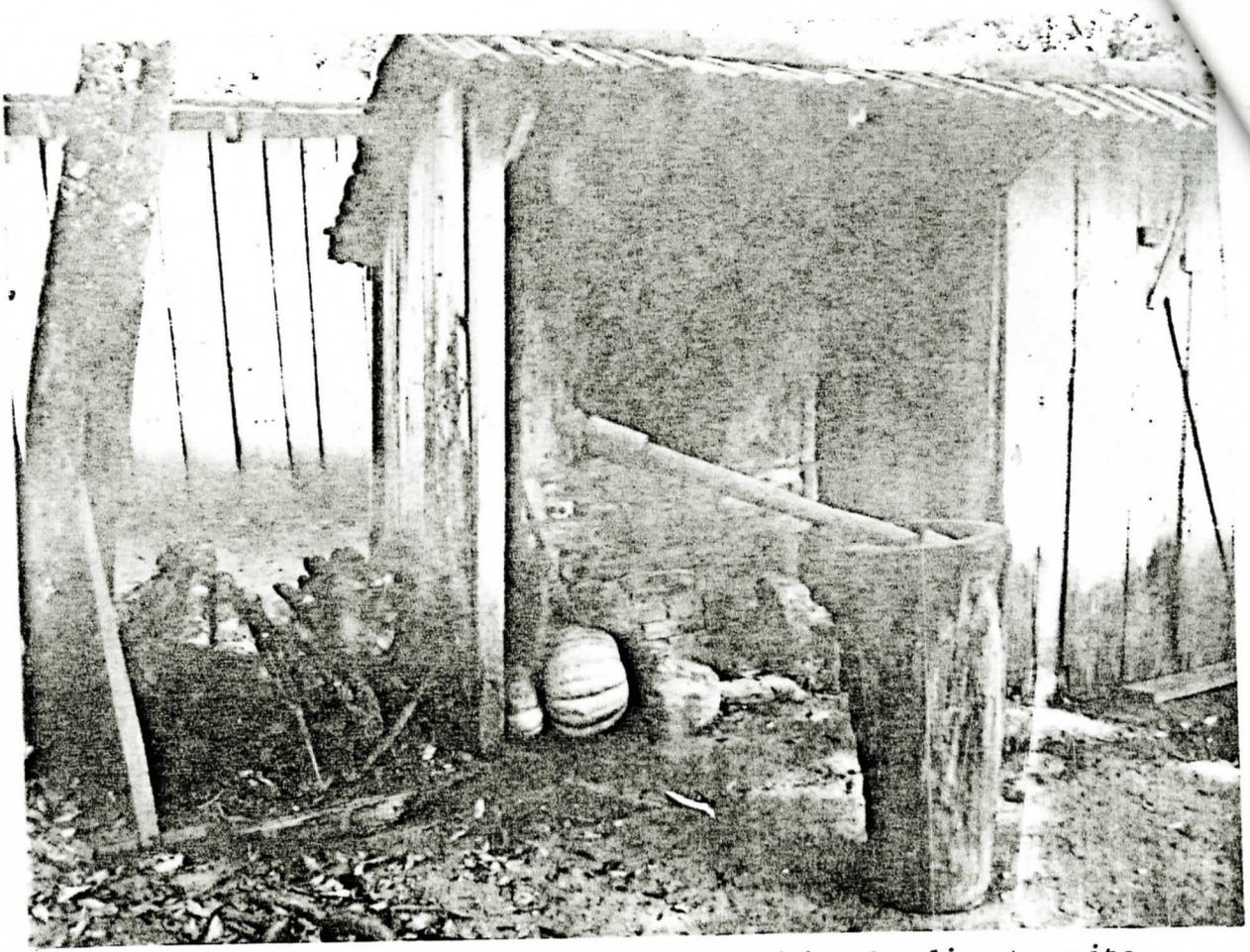
13. CADERNOS DA ACADEMIA SOROCABANA DE LETRAS - *"Tropeirismo e Identidade Cultural da Região de Sorocaba"* - Impressão da Academia Sorocaba de Letras, 1983.

14. TARCA - Revista de Cultura Gaúcha, ano III, nº 13 Abril/86.

D. Maria (esposa de ex-tropeiro) lidando com o pilão. Ponta Grossa-PR (Itaiacoca), 1986

D. Rosa, servindo feijão tropeiro e ovos fritos. Aparecem ainda um prato de bacon com feijão tropeiro e um menor com linguiça frita. Lapa-PR, 1980

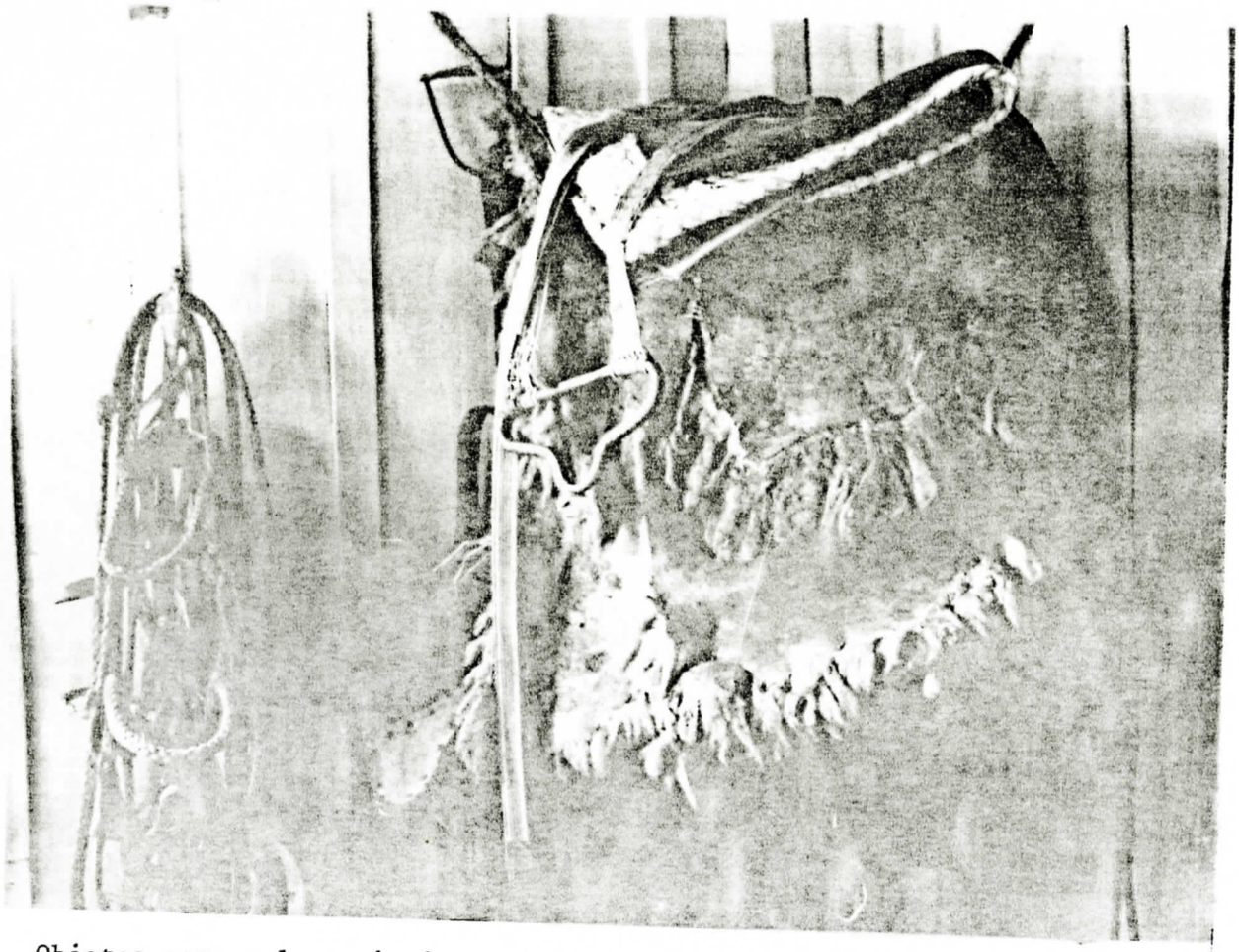
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM



Pilão utilizado para fazer quirera de milho (tipo de alimento muito utilizado pelos Tropeiros). Ponta Grossa-PR (Itaiacoca), 1986

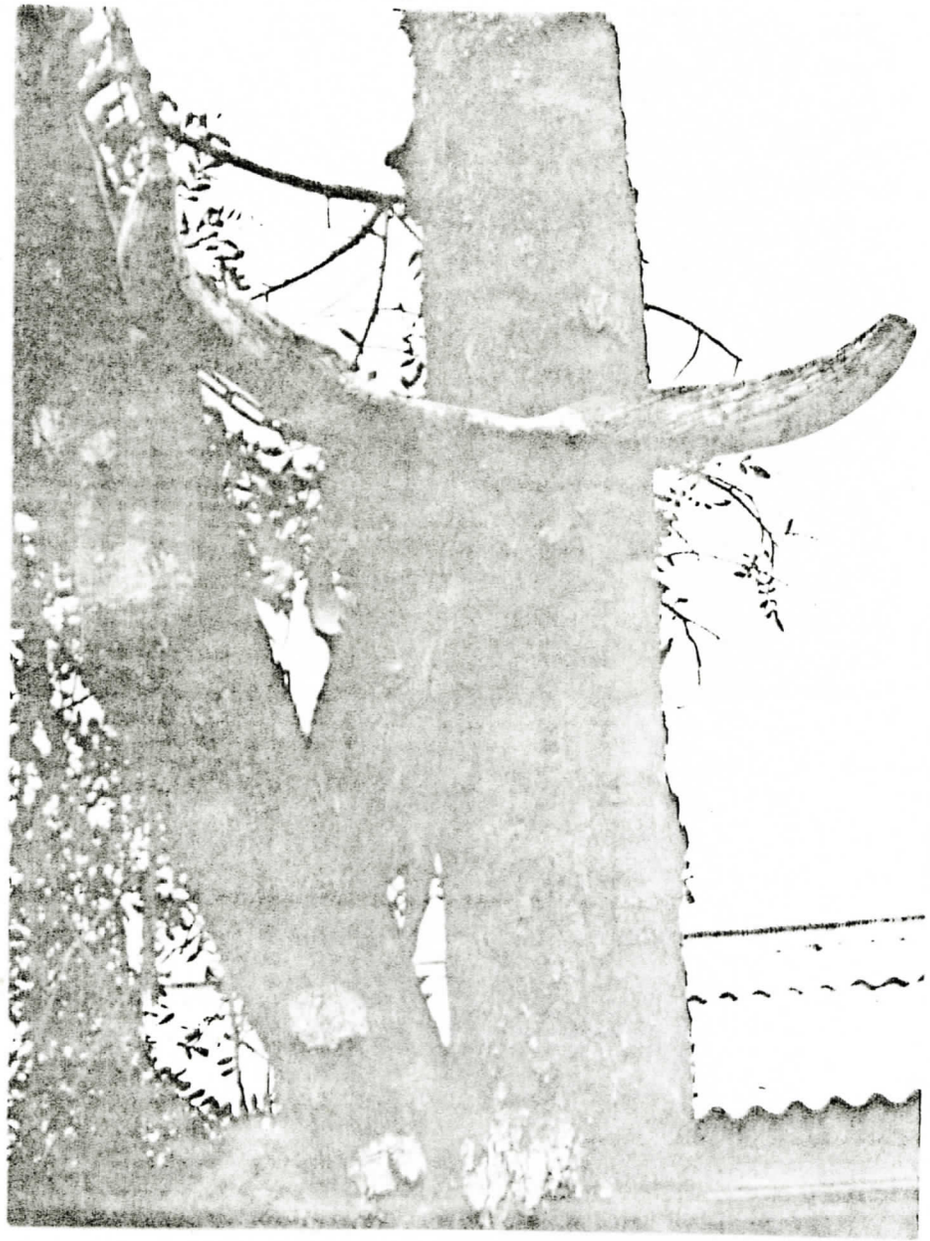
Casa de D. Maria e Sr. Pedro Dias - Ele trabalhou com tropas durante muito tempo. Ponta Grossa-PR (Itaiacoca), 1986

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM



Objetos para selar animais, pertencem ao Sr. Pedro Dias. Ponta Grossa-PR (Itaiacoca), 1986

Objetos utilizados no trabalho com tropas, pertencem ao Sr. Pedro Dias, Ponta Grossa-PR (Itaiacoca), 1986



Detalhe na entrada da residência de Sr. Pedro Dias. (Itaiacoca), 1986

Ponta Grossa-PR

Ferraria situada à Rua das Tropas - Lapa-PR, 1986

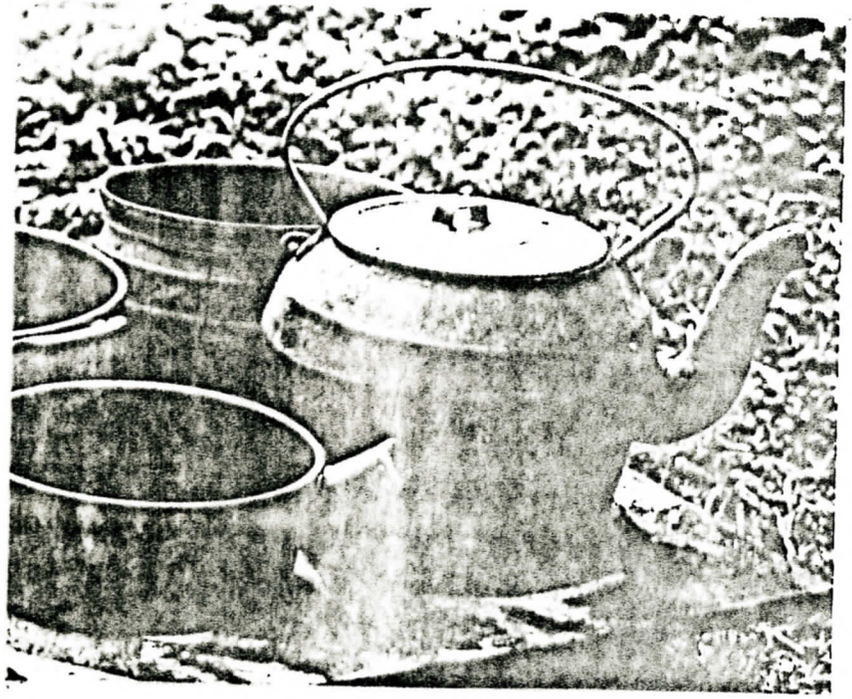


Foto da Capa
Utensílios utilizados no preparo da alimentação dos Tropeiros - Ponta Grossa-PR (Itaiacoca), 1986

GOVERNO DO PARANÁ
Álvaro Dias

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
Renê Ariel Dotti

DIRETORIA GERAL
Danillo Lorusso

COORDENADORIA DE MUSEUS
Ivens de Jesus da Fontoura

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
Valêncio Xavier

TEXTO E PESQUISA
Ana Eliza Filizola
Cláudia Regina de Brito
Fátima e Silva de Freitas
Heloisa Afonso Ariano

FOTOS
Isabel Cristina Livski

APOIO
Equipe do MIS